



**casa
nobre**
um património
para o futuro

ATAS

Arquivos e Documentação Familiar
Memória Histórica: História da Família, Genealogia e Heráldica
Turismo e Desenvolvimento Regional
Património: Estudos, Defesa e Valorização

10 a 12 de novembro de 2022

casa das artes

arcos de valdevez



Ficha Técnica

Título:

**Atas do 6.º Congresso Internacional
Casa Nobre – Um Património para o Futuro
Book of the 6th International Congress
Noble House: A Heritage for the Future**

Coordenação:

**Joana Lencart
Nuno Soares
Armando Malheiro da Silva
Luís Damásio
João Carlos Gachineiro**

Edição:

Município de Arcos de Valdevez

Data:

Outubro de 2024

ISBN:

978-972-9136-92-4

Depósito Legal:

531657/24

As imagens reproduzidas são da exclusiva responsabilidade dos autores dos textos.

Parceria:



Património: Estudos, Defesa e Valorização



A CASA DO BISPO DE LAMEGO. DESENHO DO CORAÇÃO DA CIDADE NO RENASCIMENTO

JOÃO LUÍS MARQUES
CEAU-FAUP, CEHR-UCP
E-mail: jlmarques@arq.up.pt

MARTA OLIVEIRA
CEAU-FAUP
E-mail: moliveira@arq.up.pt

Nos séculos XV e XVI, por ação dos bispos à frente da diocese de Lamego, é realizado um conjunto de intervenções urbanísticas e de arquitetura que operam a metamorfose da cidade de Lamego, e lançam os fundamentos da expansão urbana dos séculos seguintes. Foi um programa edificatório com o alcance de afirmação territorial da Igreja, influente na formação da imagem de identidade da cidade e da diocese. Iremos considerar, em especial, as obras promovidas por D. Fernando de Meneses (1513-1540),¹ e por D. Manuel de Noronha (1551-1569).² As suas intervenções são a expressão de uma cultura humanista, que foi dando forma progressivamente a um discurso de renovação espiritual (pré)tridentina, e de reforma católica.³

Na Sé já decorriam certas obras, desde o século XV. Incidiram numa transformação da capela-mor da cabeceira românica, coetânea do ciclo da Batalha de meados de Quatrocentos; a beneficiação da igreja prosseguiria com a dotação de retábulos e outros objetos de arte.⁴ No primeiro quarto do século XVI, a obra

¹ D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos (c. 1480-1564) viria a ser Arcebispo de Lisboa (1540-1564), por morte do Cardeal Infante D. Afonso, irmão do rei. Era filho de D. Afonso de Vasconcelos e Meneses, 1.º conde de Penela, e, por via materna, neto do 1.º conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida; era sobrinho de D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei das Índias, e de D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra. Professou no mosteiro de S. Vicente de Fora, de Lisboa, de Cônegos Regrantes de Santo Agostinho. O serviço régio, político e diplomático, a sua presença no conselho de D. João III e o serviço eclesiástico, incluindo como capelão-mor, situam-no no centro dos acontecimentos do reino, até à regência de D. Catarina. M. Gonçalves da Costa, *História do bispado e cidade de Lamego*, 6 vol. (Lamego: [Officinas Gráficas de Barbosa & Xavier], 1977-1986), 1982, vol. III, p. 14-26. Ana Isabel Buesco, "D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos (1540-1564)", *Bispos e Arcebispos de Lisboa* (Lisboa: Livros Horizonte, 2018), p. 575-584.

² D. Manuel de Noronha nasceu no Funchal, filho de Simão Gonçalves da Câmara, 3.º capitão da Ilha da Madeira, e de D. Branca de Castelo Branco, filha de D. Gonçalo de Castelo Branco, governador de Lisboa e senhor de Vila Nova de Portimão. Ao completar 12 anos recebe a tonsura, e é apresentado na corte pontifícia, a Leão X; tornar-se-ia camarista de Sua Santidade, e capelão mor de D. João III. Costa, *op. cit.*, 1982, vol. III, p. 30-43.

³ De permeio, governou a diocese D. Agostinho Ribeiro (1483-1554); foi superior geral da Congregação dos Cônegos Seculares de S. João Evangelista e reitor da Universidade de Coimbra. A sua formação religiosa decorreu no Convento de Recião, em Lamego. Em 1549 resignou da mitra e recolheu-se ao convento de S. João Evangelista de Xabregas. da Costa, *op. cit.*, 1982, vol. III, p. 26-30.

⁴ Em 1409 já existia o cargo de procurador das obras da Sé; em 1522 é criado o cargo de obreiro fabriqueiro. As obras realizadas no tempo do bispo Mestre João Vicente (1431-1444) justificam uma nova sagração da igreja e dos altares (1445); seguir-se-á, com o bispo D. João da Costa (1444-1464), a colocação de relíquias e a sagração do altar-mor, que muda de sítio (1456). Costa, *op. cit.*, 1979, vol. II, p. 29. Para outras obras e dotação da igreja e do paço, Costa, *op. cit.*, 1977, 1982, vol. I, III. Rafael Moreira, "História de uma coleção", *Tapeçarias Flamengas*, 2005, p. 150-171.

de refazimento da fachada é concluída num modo manuelino, com primeiros sinais de obra ao romano.⁵ Em 1524, a reedificação do claustro é concertada com um mestre da renascença.⁶ O curso destas intervenções implica uma reorganização de dependências episcopais e canonicais, e de serviços que se distribuem à volta da catedral, recompondo a sua relação com o espaço público envolvente. (fig. 1)



Fig. 1 – Paço, Rossio e Sé de Lamego.
[excerto] Fotografia Alvão, c.1901-1906. *Centro Português de Fotografia*.

Junto à Sé, dispunha-se o rossio, na origem um terreno vago, lugar de almargens, atravessado pelo rio Coura, que numa larga volta se aproximava do conjunto catedralício.⁷ Esse era um lugar público no meio de uma cidade dividida, governada por dois poderes e duas jurisdições: o Concelho, a norte, englobando o bairro do Castelo e os arrabaldes da parte alta; e o Couto da Sé, na parte correspondente ao burgo arruado que se distinguia por englobar a morada de famílias nobres e principais dignidades eclesiásticas, e se alongava para sul, alcançando um bairro de gente de ofícios, entalado nas encostas alcantiladas de um segundo curso fluvial, o rio Balsemão.⁸

⁵ A menção de «obra romana» surge num contrato para o feitura dos portais, em 10.02.1514. *Ibidem*, p. 161.

⁶ O mestre Duarte Coelho. Vergílio Correia, *Artistas de Lamego* (Coimbra: Imprensa da Universidad, 1923), p. 17-25. Rafael Moreira, “Hum rico panno de fina verdura. Bispos de Lamego, Duarte Coelho&C, entre ‘manuelismo’ e Renascimento”, *Monumentos Património Arquitetónico* 38 (Direção-Geral do Património Cultural (abril 2020/2021), p. 82-95.

⁷ O rio Coura delimitava os termos do Concelho e do Couto da Sé. O couto da Sé foi concedido por D. Sancho I, em 1191, «a instantes pedidos do prelado», talvez uma confirmação de privilégios mais antigos. D. João I resolveria unir o Couto ao Castelo. Costa, *op. cit.*, 1977, vol. I, p. 108, 218.

⁸ A descrição de Lamego pelo Vigário da Sé, em 1758, salienta a sua forma alongada: «e] do principio athe o fim desta cidade he situada em forma de hũa Lua crescente, da qual faz a ponte Borial a rua da Seara e a ponta Austral a rua de Sam Lazaro. E o meyo corpo o fazem o bayrro da Sé e o Palacio Episcopal. Pelo que vem a ter de comprimento de hũa e outra parte, hum quarto de legoa». DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 234-235.

A D. Fernando de Meneses e D. Manuel de Noronha se deve, no essencial, o ciclo de obras que iremos desenvolver. No tempo dos dois episcopados seriam tomadas decisões a respeito da sistematização urbana do rossio, da reedificação do claustro da Sé, com implicações no reordenamento de dependências anexas, da ampliação do paço episcopal e de ordenamento paisagístico de jardins e horto murados, e de instituição dos equipamentos que concretizam a frente urbana do rossio, no sopé da colina do Castelo.

Através da sua ação, os prelados afirmariam, cada um no seu tempo e a seu modo, a autoridade episcopal, não apenas no âmbito do seu magistério eclesiástico,⁹ mas num plano público de intervenção política na sociedade, exercendo o poder do bispo pastor e pai, no cuidado de cura de almas e corpo, e no bom governo da cidade e da sua casa, no plano espiritual como temporal. Lembrando, em particular, a continuada presença de D. Fernando de Meneses junto do rei,¹⁰ exercendo funções de conselho, além de eclesiásticas, e acompanhando a itinerância da corte e longa permanência em Évora, nos anos trinta, vem, a propósito, um testemunho da forma como também D. João III compreendia, por analogia com a figura de bispo, a responsabilidade que lhe era confiada no exercício do governo, como pai e pastor dos cidadãos do seu reino.¹¹

Acrescem dois aspetos que nos parecem relevantes na apreciação do modo como D. Fernando de Meneses e D. Manuel de Noronha exerceram o seu magistério: um primeiro, serem bispos de linhagem nobre e cortesãos. Frei Antonio de Guevara¹² sustentava, nesse tempo, que a nobreza cortesã, por formação e por experiência de exercício de funções de estado, reunia as condições de juízo claro e bom governo, de acertada atuação pessoal, e bom conselho exercido junto dos príncipes. A fonte de conhecimento e de certeza seria o bom saber, adquirido mais por ver e por experiência, do que por ler. Desse modo, estabelecia a diferença entre o homem de estado e o letrado.¹³

Situamos o segundo aspeto no âmbito da cultura e da arquitetura. Reconhecendo a presença de um ideário da antiguidade clássica,¹⁴ mediado por escritos e tratados ulteriores, no Renascimento, a arquitetura tornar-se-á imagem de virtudes e qualidades que perfazem edificação da pessoa.

⁹ «O poder episcopal era de uma tríplice natureza: ordem, jurisdição e magistério. O poder de *ministerium* ou de ordem, correspondente às faculdades sacramentais e penitenciais que detinha o bispo; o poder de *imperium* significa a possibilidade de legislar, julgar e condenar nos seus territórios, competências que exercia quer sobre o clero, quer sobre os fiéis; o poder de *magisterium* considerando as responsabilidades no ensino e catequização dos fiéis e ainda na erradicação dos erros de doutrina.» José Pedro Paiva, *Os Bispos de Portugal e do Império: 1495-1777* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006), p. 8-9.

¹⁰ D. Fernando de Meneses não foi um bispo residente, contudo a sua muito numerosa correspondência epistolar demonstra uma atenção continuada aos assuntos da sua diocese. Em Évora terá permanecido a maior parte do tempo, entre os anos de 1533 a 1537. Costa, *op. cit.*, 1977, vol. I, 16.

¹¹ Decorria, na cidade de Évora, a edificação do convento de Nossa Senhora da Graça, de Eremitas de Santo Agostinho, com a igreja a ser destinada para acolher o túmulo real. No pórtico da fachada, ao correr do friso do primeiro estrato, o rei faria integrar a seguinte inscrição: «CONDITVM SVB IMPERIO DIVI JOAN III PATRIS PATRIAE (transcrição da inscrição, Túlio Espanca, *Inventário Artístico VII: Concelho de Évora*, 2 vol. (Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966), vol. I., p. 168). Diogo Lopes Rebelo, que foi mestre de Gramática de D. Manuel, escreveria uma obra, em finais do século XV, que dedica ao rei Venturoso: «Com efeito, o rei, no seu reino, é como um pai ou pastor a quem foi por Deus confiado o cuidado dum grande rebanho». Diogo Lopes Rebelo, *Do governo da República pelo rei; Tratado das produções das pessoas [Divinas]* [finais do século XV] (Lisboa: Edições da Távola Redonda, 2000), p. 149.

¹² Frei Antonio de Guevara (1481-1545) foi bispo, e pregador franciscano na corte de Carlos V, ascendendo a cronista e conselheiro do imperador.

¹³ «El arte de gobernar ni se vende en París, ni se halla en Padova, ni aun se aprende en Salamanca» (*Libro primero de las Epístolas Familiares*, I, 29). «Para probar esta sentencia no hemos menester a Platón que lo diga ni a Cicerón que lo jure, pues vemos [sublinhado nosso] (...)» (*Menosprecio de corte y alabanza de aldea*, cap. IX). Antonio de Guevara, *Menosprecio de corte y alabanza de aldeã; Arte de marear* (Madrid: Catedra, 1984), p. 28, 189. O autor dedica a obra *Menosprecio de corte y alabanza de aldea*, de 1539, a D. João III.

¹⁴ Recordaríamos em especial, Cicero, *De officiis*, e uma passagem em síntese, liber I, 3-(2) 4.

Nos livros *Della Famiglia*, Leon Battista Alberti (1404-1472) expõe uma sucessão de diálogos temáticos, entre gerações de uma família, atribuindo ao senhor da casa, cabeça de linhagem, a apresentação de princípios, virtudes e costumes que devem nortear a família. A formação da pessoa natural¹⁵ seria edificação da alma, e cuidado do corpo, exercício físico e maneira de boa vida. De modo concreto, o exercício do bom governo da casa, nas suas partes urbana e rústica, requeria um bom saber da arquitetura, porque implicava o cuidado de um quadro de habitar que oferecesse as condições de boa vida.¹⁶ Em *De re aedificatoria*, Alberti explicita a relação de continuidade entre a casa e a cidade, um *dictum*, que já surgia com Platão.¹⁷ Por fim, num pequeno diálogo moral *Profugiorum ab aerumna*, que tem início no interior de Santa Maria del Fiore, de Florença, entre dois humanistas, na presença do autor,¹⁸ surge a reflexão sobre o valor conferido à obra de arquitetura. Se a edificação da pessoa, na sua dimensão ética, política e estética, perfaz a sua presença como membro ativo da comunidade cívica e religiosa, atentando os resultados da sua acção, por analogia, a percepção pelos sentidos, e a experiência estética e artística do meio construído desempenham um papel fundamental ético de constituição política e religiosa da comunidade.¹⁹

Não seria possível afirmar que algum destes textos tivesse sido do conhecimento das personagens que consideramos;²⁰ mas, na realidade, a reflexão efetuada, no domínio da significação da arquitetura, associando a ideia de *renovatio* às formas da renascença, inscrevia-se no âmbito da cultura do Humanismo, considerando a retoma de fontes de saber clássico da antiguidade, incluindo na sua mediação pela tradição cristã medieval.²¹

¹⁵ Referimo-nos a uma longa tradição de distinção da figura de pessoa 'dupla', que se entendia aplicada a pessoas detentoras de poder. Na Carta de Bruges, enviada a D. Duarte, em 1426, o Infante D. Pedro escrevia «(...) eu esguardo em vos dobrez pessoa / A primeira he uos singularmente a 2.ª he o senhor Rey. e vos com toda a comunjda de uosa terra, quanto ao senhor ao singular eu nam sey que escreua / (...) quanto senhor ao comum escreuerey algumas cousas (...).» D. Duarte, *Livro dos conselhos de el-rei D. Duarte: Livro da Cartuxa* (Lisboa: Editorial Estampa, 1982), p. 27.

¹⁶ O senhor da casa seria o conhecedor dos virtuosos princípios que fundam o bom governo da casa e a acção prudente, reteria os conselhos e a memória dos antepassados, como garante da transmissão dos costumes honestíssimos de antiga observância, saberia da boa maneira de viver, pessoalmente, com fortitude, fé, humanidade, facilidade e solicitude, e saberia agir, com diligência, amor à pátria e civilidade, formando os mais novos, e defendendo o respeito pelos mais velhos e pelos servos. Estes temas são tópica de uma tradição de obras de formação. Sobretudo o texto de Alberti tem o interesse de os relacionar com a arquitetura, considerando as condições que devem oferecer a casa e a propriedade, para assegurar a boa vida de alma e corpo da família. Leon Battista Alberti, *I libri della famiglia*, 4 livros, os três primeiros escritos em Roma, em 1433-1434, o último, em Florença, em 1440.

¹⁷ «Ora se a cidade é, na opinião dos filósofos, uma casa em ponto grande, e inversamente, a casa é uma cidade em ponto pequeno (...).» Alberti enuncia a ideia no Livro I, cap. IX; e desenvolve no Livro V, cap. II. Leon Battista Alberti, *Da arte edificatória* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian), 2011, p. 170, 320-321. A referência a Platão (Lg., VI, 779b), Mário Krüger, *Ibidem*, p. 170, nota 330. A *editio princeps* da obra *De re aedificatoria*, escrita em latim, data de 1485, estimando-se que entraria cedo em Portugal.

¹⁸ León Battista Alberti, *Profugiorum ab aerumna libri III*, c. final de 1441-1442 (mais tarde citado sob o título *Della tranquillitate dell'animo*). Os dois interlocutores de Alberti são Agnolo Pandolfini e Nicola di Veri de' Medici; na realidade é um diálogo prosseguido em diferentes dias, envolvendo a passagem por algumas obras de arquitetura da cidade.

¹⁹ «The ethical function of architecture is inevitably also a public function. Individuals gain their sense of place in history, as a community by relating their dwelling to that center.» Karsten Harries, *The ethical function of architecture* (3th ed. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000), p. 287.

²⁰ Com exceção do tratado de Leon Battista Alberti, *De re aedificatoria*, que era conhecido em Portugal, na versão original latina, desde o final do século XV, e será traduzido, nos anos quarenta, por André de Resende, a mando do rei.

²¹ Também neste âmbito, a obra da igreja de Nossa Senhora da Graça, de Évora, que apresenta a inovação de claras formas do renascimento, oferecia reforçados argumentos de um plano discursivo, que havia de acompanhar a inscrição real. A ladear o portal da igreja, dois nichos aguardavam a integração de esculturas de Santo Agostinho e Santa Mónica, sua mãe. Seriam figuras de 'exemplo', em contraponto da representação 'natural' de D. Manuel e D. Maria, sua segunda mulher, no portal da igreja do Mosteiro dos Jerónimos.

OBRAS DE D. FERNANDO DE MENESES

Reconheceu Rui Fernandes, no *Tratado de um rico pano de fina verdura* (1531-1532) as «mui formosas benfeitorias» que eram a «melhor coisa da cidade»²² que vinham sendo realizadas por iniciativa do bispo, D. Fernando de Menezes, a quem dedicou o tratado. Referia-se, em particular, às obras de renovação dos «Paços de Vossa Senhora (...) com o fermoço jardim, e grande terreiro, e cerco de muro».²³ (fig. 2)

Documentação de 1522 e 1525, transcrita no tomo setecentista²⁴, dá nota da renegociação de antigos prazos da Mitra e Cabido, com duas mulheres Catarina Pires e Leonor Alves, respetivamente. Os terrenos ocupados por campos, olivais e hortas dariam lugar ao renovado terreiro e cerca²⁵ naqueles anos sucessivamente ampliado. Em 1522 informa o «Senhor Bispo [que] tem determinado mudar o Rio de Coura que vem junto da dita Cidade e Paços para se fazer mayor terreiro arredor da Sé e dos ditos Paços»²⁶ e em 1525, é dada nota que pretendia «alargar o terreiro, que hora está feito d'ante os seus Paços Episcopaes para nobreza dos ditos seus Paços, e da dita sua Sé»²⁷.

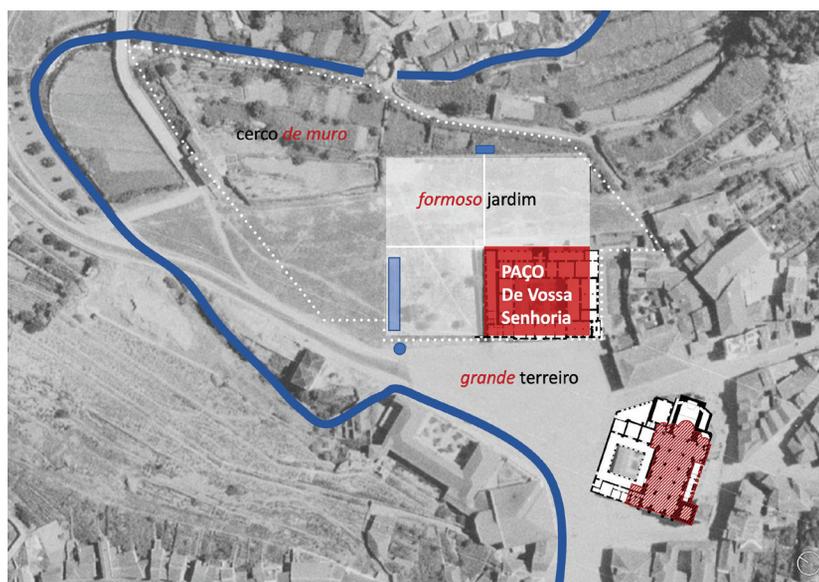


Fig. 2 – Paço Episcopal de Lamego (...) com o fermoço jardim, grande terreiro, e cerco de muro entre os séc. XVI e XVIII. *Fotomontagem dos autores.*

²² Rui Fernandes. *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas* [1531-1532]. (Porto: Beira Douro. Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro, 2012), p. 103.

²³ *Ibidem.*

²⁴ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, rendas, Foros, Dizimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego (...)* [1776] liv.6.

²⁵ «metendo parte deles [campos] para dentro da cerca dos seus Paços, e deixando a outra parte de fora do muro para a grandeza e ampliação do dito Rocio» *Ibidem*, fl. 26v.

²⁶ *Ibidem*. fl.31.

²⁷ *Ibidem*. fl.32.

O grande projeto urbano do terreiro é lançado a par das obras de renovação da arquitetura dos principais edifícios que então o limitavam, a nascente e a sul, os Paços e a Sé. A este propósito recorde-se a referência ao pagamento de 54 mil reais no ano de 1524 a André Pires pelas «obras da Sala do S^r Bispo» que iniciara naquele ano.²⁸ Já em 1506, André Pires era identificado como carpinteiro-mor no contrato que fizera com o pintor-mor Vasco Fernandes, para o fornecimento de madeira para a armação do retábulo-mor da Sé.²⁹ O limite poente do terreiro ficaria definido pelo novo traçado do rio, afastado da sede e paço episcopais. Rui Fernandes deu notícia da dificuldade da obra, tendo rio derrubado muros na procura do antigo curso. Paralelamente deixou registo de outros trabalhos semelhantes, como o da quebra de uma grande fraga, junto a São João da Pesqueira, numa importante intervenção no rio Douro a mando do Doutor Martim de Figueiredo, contador da fazenda na comarca de Lamego.³⁰ O estaleiro quinhentista lamecense estendia-se ao redor do Rossio que então se desenhava e fixava a medida, Rui Fernandes descreve-o: «terreiro ficou de longo cento e seis varas e de largo outenta e seis, que autoriza bem, e emnobrecer esta cidade».³¹ Concorria assim o Bairro da Sé, polarizado em torno do grande terreiro à cota baixa, com a Praça no arrabalde do bairro do Castelo, à cota alta. Aproveitando a riqueza dos recursos hídricos disponíveis seria ainda aberto um “poço da bomba” no terreiro da Sé com o qual era alimentado o tanque da cerca.

No século XVIII era ainda viva a memória de D. Fernando de Menezes que murara toda a propriedade. A cerca de muro das propriedades do paço, acompanhava então a ribeira de Pelames³² e, junto à Ponte da Lajes e capela da Senhora das Virtudes, seguia pela Calçada até à antiga Rua dos Fornos, junto às antigas cozinhas. A intervenção quinhentista na cerca e paço vinha sendo completada pouco a pouco a partir de aquisições e trocas, de reedificações e novas construções. Em 1533, o Escambo celebrado entre D. Fernando com o Cabido registava

O qual Olival, e ca'po, etanaria o dito Bispo tem feitos, etornados agora em vinha, e a dita azenha esta finda agora em Casa deita, e azenha egado no estão dentro na Cerqua do dito Senhor Bispo, e a dita azenha está finda agora em Casa feita, e ázenha pegado no circuito, e cerqua dos ditos Paços; e a dita Casas de forno o dito Senhor Bispo as fez em Casas d'Aposentadoria, que estão pegadas na Cozinha dos ditos Paços.³³

Gerações sucessivas materializariam o sonho. A encosta amena fora trabalhada em diferentes plataformas, suportadas por grandes muros, organizando diferentes áreas produtivas. Nela existiam, no século XVIII, mirante e pombal, construções que testemunham a dupla natureza do espaço da cerca e jardim, recreio e produção.

²⁸ Rafael Moreira, op. cit. 2005. p. 169.

²⁹ Vergílio Correia. *Vasco Fernandes: Mestre do retábulo da Sé de Lamego*. (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924), p. 89. “Contrato de fornecimento de madeira feito pelo carpinteiro André Pires ao pintor, 20 de maio de 1506”, p. 96-97.

³⁰ Os trabalhos decorriam a jusante do Caxão da Valeira. Fernandes 2012, p. 87-88. O Doutor Martim de Figueiredo foi o primeiro senhor da Casa do Poço, frente à Sé de Lamego, hoje Museu Diocesano de Lamego; fidalgo da casa real, era alcaide-mor das vilas e castelos de Longroiva e Penedono. Costa 1982, vol. III, p. 369.

³¹ Rui Fernandes, op. cit. p. 95.

³² Junto ao ângulo noroeste da cerca situavam-se os açougues da Mitra, que partiam com os do Cabido, na área da estrada que ia para os Pelames (o rio tomava diferentes nomes pelo que surge no documento citado sob a denominação de ribeiro dos Pelames). Segundo o Auto de medição e confrontação do terreiro ou Rocío chamado as Sé e do Paço (1777), no fundo do rossio e terreiro, desse lado norte, situavam-se o Aljube e a Cadeia da jurisdição eclesiástica, e, próximo, «Huma Capella de cantaria, que serve para a função dos Paços desta Cidade; e que a Irmandade dos mesmos tinha edificado à sua custa, com licença dos Excellentissimos Prelados deste bispado». DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, op. cit, [1776] liv. 6, fl. 24v.

³³ DGLAB, ANTT, Cabido da Sé de Lamego, *Livro de escrituras de compras, vendas, escambos e contratos pertencentes à Sé e a particulares*. liv. 9, fl. 108v.

Tem este palacio hum espaçoço jardim com seos passeios de murtas e hum grande lago com dous poços e mui boa e copioza agoa e huma grande cerca com sua capella, varias e coriozas carreiras, (...) seos pomares de frutas e de espinho, ortas e mais campos que poucos palacios episcopais gozam de tam deleitavel recreio.³⁴

A clareza e o rigor da composição geométrica, do terraço dividido em quatro partes iguais, são ainda hoje legíveis. Talvez não seja por acaso que as dimensões deste espaço outrora livre de edificação e aberto com vistas desafogadas, também se aproxime das medidas fixadas para o terreiro por Rui Fernandes: 106 x 86 varas. De fato as palavras *terreiro*, *terrado* / *terraço*, que surgem nos documentos, não permitem uma leitura inequívoca e diferenciada sobre cada um dos espaços. Tendo isto presente, atente-se nas relações de geometria e proporção entre o Rossio, grande terreiro aberto, e o formoso jardim encerrado.³⁵

Considere-se também a criteriosa implantação do paço na quadra sudoeste, do jardim com lago, na quadra noroeste, do horto nas quadras nordeste e sudeste com seu muro de assentos, estando o tanque (retangular de proporção 5:3 – *Superbipartiens tertias*) a reforçar a mediana. Aí, à cota inferior da antiga horta, a nascente do paço episcopal, à «roda do dito taboleiro algum bocado de vinha com suas ramas em roda do muro antigo».³⁶ (fig. 2 e 3)



Fig. 3 – Muros, Tanque, Assentos.
Fotografia dos autores 2020 e 2022.

Se dúvidas houvesse em relação a esta distribuição, observem-se fotografias antigas e a planta do início do século XX³⁷, quando a cerca e o paço episcopal foram expropriados e o terreno disponibilizado para a construção da estação de Caminho de Ferro. (fig. 4) Ainda que aquela obra não tenha sido realizada, parte da cerca acabaria por ser demolida restando hoje apenas o arranque com portão, entre o museu e o tribunal, e os assentos no terminal rodoviário.

³⁴ DGLAB, ANTT, Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, (42) fls. 234-235.

³⁵ As medidas do terreiro, comprimento x largura, de Rui Fernandes podem ser lidas, quer nos lados do triângulo rectângulo que define o Rossio, quer no rectângulo que limita o jardim murado.

³⁶ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, op. cit. [1776] liv.6, fl. 22.

³⁷ DGLAB, ACMF, “Cedência do Paço Episcopal de Lamego” 1916-1932.

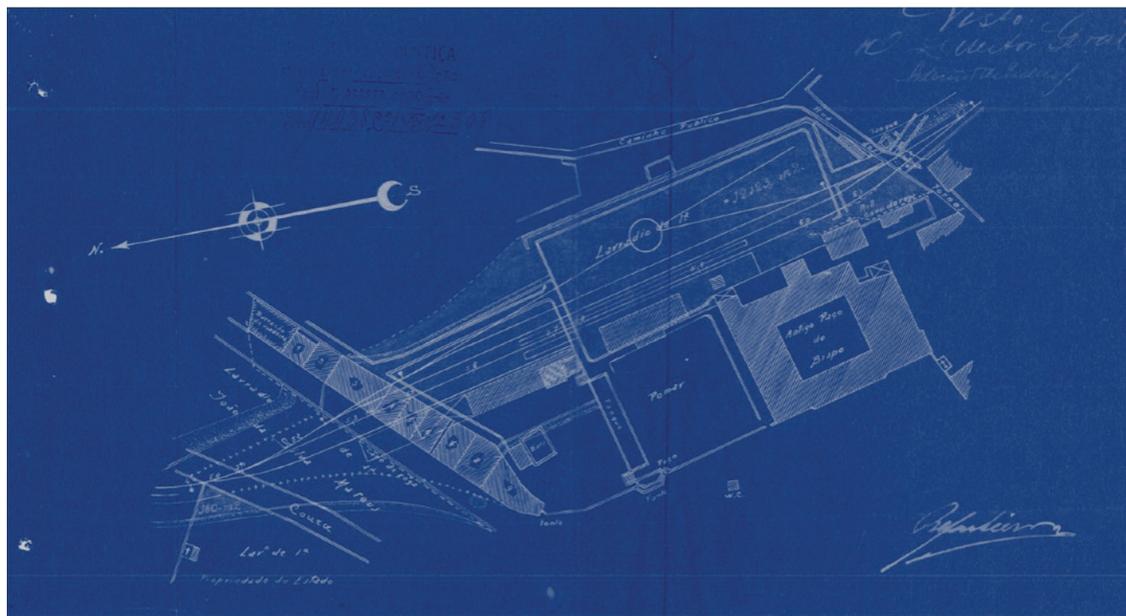


Fig. 4 – Planta do processo “Cedência do Paço Episcopal de Lamego” 1932.
Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças.

Os trabalhos de desvio do rio de Couros (fig. 8) e as obras hidráulicas e de abastecimento público de água, e bem assim as obras dos jardins e horto são reveladores da visão de D. Fernando de Meneses. Ciência e experiência fundam o bom saber, com objetividade e um sentido moderno de *utilitas* envolvendo ciência prática e operativa, considerando a causa eficiente; e a parcela de território integrada na propriedade episcopal tornava-se exemplo de fomento das produções da natureza e lugar de usufruto paisagista. A obra de D. Fernando de Meneses, e bem assim o texto de Rui Fernandes, de 1531-1532, encontram sentido no contexto de um pensamento em torno da agronomia e de uma economia fisiocrática.³⁸

O paço episcopal passava a conciliar uma frente de representação pública de poder, com os espaços de quinta agrícola e lugares de recreio e quietude,³⁹ que ofereciam ao virtuoso um retiro da fama e poder.⁴⁰

³⁸ D. Fernando de Meneses fez a sua formação com D. Diogo Ortiz de Vilhgas, astrónomo e matemático, que foi também mestre do príncipe D. João. Quando foi chamado a pronunciar-se sobre se se havia de manter, ou deixar as praças e castelos de Safim e Azamor e Cabo de Gue expressou, com autonomia, o seu preclaro conselho; defendeu que haviam de ser deixadas, reforçando os seus argumentos com «a experiência disso o tem bem demonstrado» (Carta do Bispo de Lamego para D. João III, 07.10.1534). Portugal. Instituto de Investigação Científica Tropical. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, *As gavetas da Torre do Tombo*, 12 vol. (Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 1960-1977), (Gav. I-III), 1960, vol. I, p. 834-838, cit. p. 835.

³⁹ O mérito de quietude e sossego, de liberdade e do ócio seriam temas de reflexão. Lembrando as palavras de Agnolo Pandolfini, no diálogo de Alberti (*Profugiorum ab aerumna*): «La solitudine sempre fu amica della quiete; e questo vero quando la sai non oziosa. L'ozio, - chi dubita? – nutrisce ogni vizio; e nulla più perturba che 'l vizio.» E Sá de Miranda escrevia: «O nome da ociosidade / soa mal; mas se ela é sã, / bem empregada em vontade, / Socrates da liberdade / sempre lhe chamou irmã.» (Carta III a Pero Carvalho) Francisco Sá de Miranda, *Poesias: de Francisco de Sá de Miranda* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1989), n.º 106, p. 224.

⁴⁰ Uma observação acerca da especificidade do palácio do bispo: «Palace as both the reward and confirmation of power; palace as retreat, source of strength and place of counsel and preparation; palace as symbolic extension of the ruler himself – these images all point to a complex interaction between form and function that was expected to contribute to a ruler's physical and psychological comfort as well as to the health and survival of the office he held. The physical and the symbolic were to be much more than coexistent; they were

Por esse tempo em que Sá de Miranda se retira para o campo,⁴¹ também D. Fernando de Meneses considerava afastar-se da corte, cerca de 1533;⁴² e já como Arcebispo de Lisboa, reedificaria a Quinta da Mitra e a igreja, em Santo António do Tojal, a partir de 1554, deixando «cazas capazes para os seus sucessores»⁴³ (para onde se retiraria nos últimos anos de vida).

Outros exemplos de paços e quintas dão testemunho de semelhantes intervenções coetâneas, como o paço ducal de Vila Viçosa. Inclusive nos paços reais de Évora, em 1534, é criado um cargo de natureza paisagista e de conservação da arquitetura, o «curego do laranjal, orta, latadas e casas de meos paços desta cidade».⁴⁴ Pela sua relação com a de Lamego, são de destacar dois exemplos próximos, que têm em comum uma ligação ao mestre italiano Francisco de Cremona, ao serviço do bispo D. Miguel da Silva: as intervenções patrocinadas, em Viseu, incluindo no paço de Fontelo (fig. 5), da Mitra, e as obras do conde da Feira, em Arnelas, em particular a quinta organizada em terraços, *villa* de recreio e empresa agrícola associada ao porto fluvial do rio Douro, explorando uma interface de circulação de produtos, entre o litoral e regiões a sul e Riba-Douro.⁴⁵



Fig. 5 – Vistas “Guarda, Viseu, Lamego (Paço do Bispo)” atrib. Pe. Joahn Koehning sj. Finais do séx XVII.
Colecção particular, Catálogo Eclética Leilões.

to be complementary and even symbiotic.» Gary M. Radke, “Form and Function in Thirteenth-Century Papal Palaces”, *Architecture et vie sociale: l’organisation intérieure des grandes demeures à la fin du Moyen Âge et à la Renaissance: actes du colloque* (Paris: Picard, 1994, p. 11-24), p. 11.

⁴¹ Teria sido já depois de deixar a corte, que Sá de Miranda compõe a Carta I a D. João III: «Homem d’um sô parecer, / D’um sô rosto e d’ua fe, / D’antes quebrar que volver, / Outra cousa pode ser, / Mas de corte homem não é.» Miranda, *op. cit.*, 1989, n.º 104, p. 192.

⁴² Em 1533, terá havido a suposição de que D. Fernando de Meneses pretenderia partir de Lisboa, por motivo de alguns agravos cometidos pelo rei contra o seu irmão e o seu tio, bispo de Coimbra. Costa, *op. cit.*, 1977, vol. I, p. 16.

⁴³ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana: historica, critica e cronológica* [1747] (Lisboa: Antonio Isidoro da Fonseca, 1965-1967), 1965, vol. II, p. 63-64.

⁴⁴ Francisco de Arruda, cavaleiro e mestre das obras reais, é nomeado para o cargo. Sousa Viterbo, *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*, 3 vol. [1899] (ed. fac-simile. [Lisboa]: I.N.C.M., impr. 1988), vol. I, p. 62.

⁴⁵ José Ferrão Afonso, “Arnelas: Uma *villa* contra a cidade?” *Congresso Internacional de Vinho Verde 1 Maia, Penafiel, Baião - Actas do I Congresso Internacional de vinho verde: história, economia, sociedade e património* (Porto: APHVIN/GEHVID, 2010), p. 263-275.

OBRAS DE D. MANUEL DE NORONHA

A ação de D. Manuel de Noronha leva a uma atenção renovada às obras que decorriam na Sé, ainda que outras, espalhadas pela cidade e arredores, tivessem sido também por ele promovidas.⁴⁶ A visão do interior da catedral resulta atualmente de uma profunda transformação realizada no século XVIII, mas a fachada ainda conserva o estado aproximado das obras efetuadas nos séculos XV e XVI.⁴⁷ Sobressai o «espelho grande» realizado segundo uma «mostra», «na maneira e tamanho do de Sam Francisco d'Évora».⁴⁸ Já o portal principal não mostra o mainel parte-luz e o tímpano, que ainda surgiam representados numa vista do final de Seiscentos.

No tempo de D. Manuel de Noronha, a torre românica do ângulo sul da fachada seria elevada em um estrato, para acolher os sinos trasladados de uma outra torre sineira, mais baixa, existente do lado norte, que foi desmantelada no contexto da conclusão das obras do claustro e da reedificação da frontaria. Com estas obras o conjunto da Sé adquiria uma forma conclusa clara, acolhedora no adro elevado, com ladrilho e assentos, e abrindo a varanda alta do claustro ao terreiro.

A figura personificada de uma cidade (fig. 6), segundo um desenho de Francesco di Giorgio (1439-1501), numa das primeiras versões dos seus *Trattati*,⁴⁹ transpondo para o domínio urbano uma passagem de Vitruvio, ajuda a compreender o sentido de centralidade da presença da igreja no meio da cidade, e de que modo a sua posição podia ser compreendida como lugar do coração.⁵⁰ Essa ideia da igreja, no coração da cidade, receberá com as obras de D. Manuel de Noronha um sentido aprofundado de vivência cristã.

⁴⁶ Capelas de Senhora dos Meninos, do Espírito Santo e de Nossa Senhora dos Remédios. Marta M. Peters Arriscado de Oliveira; João Luís Marques, "Lamego, memória(s) da cidade", *Monumentos Património Arquitetónico* 38 (Direção-Geral do Património Cultural (abril 2020/2021, p. 6-25) p. 15-18.

⁴⁷ As obras da fachada estão a decorrer no tempo dos episcopados de D. João de Madureira e de D. Fernando de Meneses. Certos pormenores de desenho da modenatura e ornamento observáveis nos portais parecem de referência batalhina, como observou A. Nogueira Gonçalves. M. Gonçalves da Costa. Costa, *op. cit.*, 1979, vol. II, p. 37-38.

⁴⁸ Moreira, *op. cit.*, 2005, p. 161-162. Em 1523 estava a ser reformado o coro, que haveria de ser de bordo, e concluíam-se os vitrais da fachada. Em 1833, seriam contratadas obras, na fachada da Sé, de alteração da proporção das janelas do antecoro, em correspondência com o frontispício, que tinha sido alteado. Costa, *op. cit.*, 1979, vol. II, p. 39.

⁴⁹ Trata-se da representação antropomórfica de uma cidade fortificada, tida como desenho autografado de Francesco di Giorgio (1439-1501), arquiteto e tratadista Sienense (a inicial do mesmo fólio apresenta o seu auto-retrato). Francesco di Giorgio Martini, *Trattati di architettura ingegneria e arte militare*, 2 vol. (Milano: Il Polifilo, 1967), vol. I: Codice Torinese Sauzziano 148 con le variante del Codice Laurenziano Ashburnhamiano, f. 3, Tav. 1. Cerca 1479-1486/1490 é a datação proposta para os códices mais antigos das várias versões dos seus tratados. A figura e o fólio referidos integram o 1.º volume correspondente aos referidos códices.

⁵⁰ O desenho visualiza uma transposição para o domínio do desenho da cidade de uma passagem de Vitruvius (*De architectura*, Liber III, 1, 3-4) acerca da recíproca concordância de proporção do corpo humano e, por similitude, também a proporção que havia de ser dada aos templos. A posição central da praça é referida ao umbigo; aí devia assentar, segundo Vitruvius, o centro do compasso que traça a circunferência e determina a distribuição das partes do corpo humano. O templo, segundo a legenda do autor, tal como, nas igrejas de cruz latina, o transepto, situa-se acima do diafragma, septo que demarca e hierarquiza os espaços correspondentes às cavidades torácica e abdominal.



Fig. 6 – A igreja no coração da cidade.
esq. - Planta da Cidade de Lamego (excerto)
levantada pelo Cap. Eg. Maximiano Jozé da Serra, 1791. *Cartoteca DGT*.
dir. - Desenho antropomórfico de cidade fortificada.
Francesco di Giorgio Martini (1439-1501), *Torino, codice Saluzziano 148*, f. 3r.

No claustro, o bispo empreenderia uma profunda transformação da parte adjacente à cabeceira da igreja, onde se situavam dependências do Cabido, a casa da Tulha do Cabido,⁵¹ a adega e um moinho de azeite.⁵² Nessa área faria levantar três capelas, de Santo António, S. João Batista; e a do meio, de São Nicolau, que destina para seu enterramento. As três capelas compõem um corpo único, com o tramo central correspondente à capela do Bispo, enquadrada por dois baluartes. (fig. 7) A natureza das formas do claustro e do corpo das três capelas suscita uma reflexão. São obras diferentes entre si, o claustro com sinais de um renascimento, mas indefinida proporção clássica acentuada pela expressão geométrica dos fustes prismáticos da arcada; enquanto que o corpo compacto das três capelas anuncia já plenamente um modo chão, é uma composição pétrea, lisa e severa. Cremos que, em todo o caso, nas duas obras algo teria sido importante na decisão tomada sobre o partido formal. Seria porventura a atenção e a vontade de não efetuar uma rutura com a igreja românica,⁵³ talvez com a intenção de reforçar, na continuidade, evidências da memória de uma preexistência e o valor de antiguidade da catedral lamecense.

⁵¹ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, op. cit. "Auto de medição e confrontação e descrição do terreiro ou Rocio chamado da Sé e do Paço", 1777.

⁵² Anísio Miguel de Sousa Saraiva, *A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas : o caso da Catedral de Lamego* (Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras, 2003. Separata de Revista Portuguesa de História, t. XXXVI, vol. I, 2002-2003), p. 255.

⁵³ Semelhante atenção poderia ser observada no desenho da fachada posterior da Capela do Santíssimo Sacramento da Sé Velha de Coimbra, o absidiolo do lado da Epístola ampliado e reedificado em meados do século XVI.



Fig. 7 – Capela de S. Nicolau no Claustro da Sé de Lamego.
Fotografia de José Marques Abreu Junior 1955. *Arquivo SIPA*

Nas disposições testamentárias, e numa inscrição afixada na capela de São Nicolau seriam apresentados os propósitos daquela obra, e das intervenções que decorriam então na consolidação do espaço público do terreiro: o Hospital Velho, que em 1519 tinha sido entregue à Santa Casa da Misericórdia, e estava a ser reconstruído desde os seus fundamentos, e o Colégio de São Nicolau, que o prelado instituíra e, mais tarde, passaria a Seminário. Deviam os colegiais, com o título de capelães, cumprir as suas obrigações estatutárias na Capela de São Nicolau. Desse modo, cuidando de corpo e alma, se fechava um anel que orientava as edificações do espaço urbano, entre si, e as relacionava com a Sé e o paço episcopal. Uma intenção clara que as constituições sinodais publicadas após o sínodo de 1561 dariam forma escrita.⁵⁴

No meio do terreiro, para onde tinha feito conduzir as águas do Monte de Santo Estêvão, D. Manuel de Noronha mandava erguer um chafariz:

com hum tanque redondo e tem huma pillastra levantada com duas tassas, huma mayor, outra mais piquena por onde corre della agoa por quatro bicas para o dito tanque ambas redondas e do mesmo feitio = Tem no simo uma bolla com huma cruz no alto della, e na mesma para parte do Poente as Armas do mesmo Excellentissimo Dom Manoel de Noronha que foi o Prellado que fez adita obra e fez conduzir a agoa para o dito tanque, que he todo com os degraus que tem à Roda do tanque inferior de pedra de jaspe.⁵⁵

⁵⁴ O sínodo foi realizado em 1561, em dia de Nossa Senhora de Setembro (ainda hoje dia da festa de Nossa Senhora dos Remédios). Nas constituições sinodais, publicadas mais tarde, firma-se a imagem do que devia ser a figura de bispo ideal tridentino – bispo residente, imbuido de sã doutrina, pregador e zeloso administrador e dispensador dos bens da Igreja, de vida pessoal e pública exemplar de vida cristã, empenhando-se no bom governo, e na formação e no cuidado, no espiritual e no temporal, das pessoas eclesíásticas e dos fiéis.

⁵⁵ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, op. cit. 1777, fl. 23.

Junto com as suas armas, uma estrela e a inscrição: «ESTA E BOA GVIA».⁵⁶ A julgar pelas plantas da cidade de Lamego, do século XVIII, o chafariz mandado erguer por D. Manuel de Noronha seria fronteiro ao paço episcopal que ia ocupando a quadra sudoeste do terraço lançado por D. Fernando de Meneses. (fig. 8) Perante a ausência de documentação conhecida que descreva o paço episcopal durante o séc. XVI, considera-se a descrição mais pormenorizada seguinte, presente nas Memórias Paroquiais de 1758.

(...) se entra com hum grande pateo quadrado, com seo poço, cercado por três lados deste palacio magestoso, (...) cujo corpo principal occupa a parte do norte e nascente, por onde tem sua entrada (...) Da parte do Poente está cercado o ditto pateo de hum muro à maneira de castello, com suas ameias por cima.⁵⁷

Ainda que a quadra fosse ocupada por construções em três dos seus lados sugerindo uma implantação em U, a descrição textual e a representação da vista da cidade, do final de Seiscentos, destacam as novas alas dos séculos XVI e XVII. (fig. 5) Este corpo em L, de dois pisos, seria vincadamente marcado pela sucessão de janelas de sacada – só no lado interior do pátio, voltadas a sul, somar-se-iam nove⁵⁸ - «huma admiravel galaria de janellas sacadas com suas grades de ferro pintadas e douradas bolas».⁵⁹



Fig. 8 – Planta da Cidade de Lamego e seus Arredores (excerto)
Levantada por J. Auffdiener, 1793 (cópia 1818), Arquivo GEAEM/DIE
Fotomontagem dos autores indicando, a traço interrompido, o antigo curso do rio Coura,
anterior à intervenção de D. Fernando no séc. XVI.

⁵⁶ A divisa de D. Manuel de Noronha encontrar-se-á inscrita igualmente na Capela de São Nicolau. O chafariz de jaspe seria talvez ainda evocação da memória de um outro chafariz, que Vasari atribuiu a Bramante, na praça de São Pedro, a inspirar D. Manuel de Noronha. Lembrar-se-ia de Roma, quando ainda jovem, recebida a tonsura após completar 12 anos, tinha sido apresentado ao Papa, obtendo, entre outros, o título de camarista do pontífice. Costa, *op. cit.*, 1977, vol. I, 30-31.

⁵⁷ DGLAB, ANTT, Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, (42) fls. 257.

⁵⁸ Número de vãos da ala norte do paço, representados na vista seiscentista da cidade. A mesma vista apresenta o número correto de vãos no corpo adjacente à Sé. Sobre a identificação desta vista: Alexandra Falcão "O (des)conhecido sallam de Pinturas do Paço Episcopal de Lamego" *em Remodelação do Salão Nobre, Museu de Lamego* (Lamego: Museu de Lamego, Direção Regional de Cultura do Norte, 2018), p. 12.

⁵⁹ DGLAB, ANTT, Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, (42) fls. 257.

A D. Luís de Sousa, homem da corte, bispo de Lamego (1670-1677) e, posteriormente, arcebispo de Braga, é atribuída a reforma do paço episcopal que lhe terá conferido as características enunciadas. Pouco mais sabemos sobre o edifício de então. Infelizmente não chegou até nós uma descrição tão detalhada quanto a do palácio que viria a habitar enquanto embaixador em Roma.⁶⁰ Na *História Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego* (1878) é dada nota de que D. Luís de Sousa ainda antes de tomar posse como bispo terá pedido ao cabido, em Maio de 1671, que assistisse com dinheiro o abade de Miragaia João Nogueira com o propósito de «reparar o paço».⁶¹ Testemunhos manuscritos reunidos por Manuel Caetano de Sousa, sobrinho do bispo, no *Brevissimo Compendio da Vida, Acções, e morte Do Illustrissimo e R^{mo} S^{hr} D. Luiz de Sousa, Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas*⁶² possibilitam melhor compreender as campanhas aí empreendidas.

Sendo Bp^o de Lamego, mandou reformar o palácio episcopal reduzindo a forma moderna e capaz de habitarre, tirando corredores, e janelas antigas, e fabricando de novo hu quarto pa hóspedes, em q dispendeu mais de dez mil cruzados.⁶³

A reforma deste edifício passaria pelo redesenho dos seus espaços interiores, clarificando a antiga compartimentação, possibilitando, quiçá, a criação de espaços de maior dimensão. Recordamos que, à data, já a coleção de tapeçarias flamengas, de grandes dimensões,⁶⁴ decorava o interior do paço conferindo simultaneamente maior conforto. Ali, mais de 40 familiares de D. Luís de Sousa, tinham morada no final do século XVII.⁶⁵ A despesa das obras realizadas é bem reveladora do investimento nesta grande campanha.

Admiravelmente consertou as casas daquela cidade fazendo hu galhardo Palácio, todo co janellas rasgadas, e suas grades, janelas co ferragem e vidraças encaixilhadas, tudo ao moderno, e todas por dentro gravemente forradas de molduras de capricho; E tudo tinham muito ornato de armações, cadeiras, esteiros, contadores e escritórios do norte co grande perfeição. E para isto se fazer se botaram as paredes abaixo, emendadas partes, se fizeram a fundamentis e sendo ali ficou renovado de maneira ficando já os materiais para reformar hua varanda comprida, q tinha muitas casas para criados. Me disse a mim quando se foi para Roma que acabasse: o que fiz. E de Roma, que me não fosse para Braga, sem deixar tudo acabado até um parapeito da escada principal que a tormenta arruinou. Assentados os teares de sua casa começou a visita do Cabido e depois da Cidade e eu fui seu escrivão.⁶⁶

Salientamos, na descrição, alguns termos utilizados – a «emenda» de partes –, e as obras que indiciam uma intervenção em preexistências – a «reforma» de «uma varanda comprida, que tinha muitas casas para criados», e «o parapeito da escada principal que a tormenta arruinou». A varanda comprida, que se abriria à paisagem, na parte posterior do paço, e a escada e patim que organizariam o acesso ao andar

⁶⁰ Vale, Teresa Leonor M. "Palácio Poli: residência de um embaixador de Portugal na Roma barroca em *Ciências e Técnicas do Património* - *Revista da Faculdade de Letras*, I Série, vol. IV. Porto: 2005, p. 155-168.

⁶¹ Azevedo, Joaquim. "História Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego [1878]" em *Lamego, a Diocese em três histórias 1596-1789-1878*. coord. Joaquim Correia Duarte. (Lamego: Diocese de Lamego, 2016), p. 273.

⁶² BNP. Manuel Caetano de Sousa. "Brevissimo Compendio da Vida, Acções, e morte Do Illustrissimo e R[everendissimo] S[e]nh[or] D[om] Luiz de Sousa, Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas" [1720-1734] . Cod. 419, Biblioteca Nacional de Portugal.

⁶³ António Lopes da Fonseca 1690 em Manuel Caetano de Sousa, op. cit. [1720-1734], fl.80.

⁶⁴ As tapeçarias têm, em média, mais de 4 metros de altura e o comprimento de duas delas é cerca de 6,5 metros. Cf. *Tapeçarias Flamengas do Museu de Lamego*. Lamego: Instituto Português de Museus, 2005, p. 150-171.

⁶⁵ Bernardino José de Senas Freitas. *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica, 1890, p. 51.

⁶⁶ *Ibidem*. p.28.

nobre, a partir do pátio de recebimento, onde existia um poço, refletem temas arquitetónicos que caracterizam obras manuelinas e do renascimento. A título de curiosidade, recordamos o episódio, anterior à partida de D. Luís de Sousa para Roma, relatado pelo abade de Priscos, João de Nogueira Barros, que dá nota do pátio de recebimento, «e posto elle no pateo para se metter na liteira», e do «Oratório do paço episcopal» para onde subiu o então bispo para conferir a ordem da primeira-tonsura a um jovem estudante.⁶⁷ O relato permite perceber a dupla natureza do pátio, espaço simultaneamente cerimonial e funcional. A existência do poço, a que a população acorria, é reveladora da abertura do paço à cidade. Passados cem anos o muro com merlões que encerrava o pátio, daria lugar a um novo corpo contribuindo para a conclusão de:

(...) hum palácio sumptuoso e magnifico, feito de obra moderna e de pedra de cantaria lavrada, quadrado com quatro faces, com hum grande pateo no meio e he edificado desde os alicerces pelo Ex^{mo} e Rev^{mo} Dom Manuel de Vasconcelos Pereira, bispo actual deste bispado, que ainda continua e não tem finalizado todas as obras necessárias para a última grandeza e comodidade do mesmo Palácio.⁶⁸

A fachada barroca voltada ao Rossio, de cinquenta e cinco metros de extensão, 250 palmos, trazia uma nova imagem ao edifício, tornando quase impercetível a leitura de outros estratos temporais que a matriz do conjunto ainda conserva. O Tombo contemporâneo da campanha setecentista, atribuída ao bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1773-1786), documenta a distribuição interior enunciando os compartimentos: a capela, a galeria de pinturas, a biblioteca publica, «salas vagas» – um programa actualizado e moderno de paço episcopal.

Na ala nascente localizavam-se, no piso térreo «as Cazas da cozinha e Tinello⁶⁹, e de outras oficinas particulares». Na mesma ala, destaque-se «hum grande sallam antigo» que se haveria de renovar para acolher a nova escada interior do edifício, que entendemos ser a alternativa à escada exterior do pátio que acabaria por desaparecer na adaptação a museu, já no século XX. O grande salão antigo, talvez revestido de tapeçarias, seria como uns passos perdidos. Avistada da varanda, e na transparência das janelas interiores do paço, a paisagem duriense artificida em socalcos transfigurava-se na imaginação, e surgia partícipe, em fundos dos panos com temas das virtudes e ação moral, da obra flamenga que D. Fernando de Meneses encomendara. (fig. 9)

⁶⁷ Ibidem. p. 36-37.

⁶⁸ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, op. cit. 1777, fl.17v.

⁶⁹ A palavra «tinello» refere-se ao espaço onde criados e fâmulos faziam as refeições, em mesa comum.

«O seu Tinello foio mais farto, e abundante detudo, que teve nunca Prellado, e se tratou co gr.^{de} esplendor, e abundancia; de manr.^a q tudo que hia asua mesa, corria logo p.^{tos} da família, q p^a isso mandava fazer pratos gr.^{des} e q.^{do} chegava a nossa ração (...) já não podíamos comer mais; porestarmos satisfeitos, co osguizados, q vinham da sua mesa; E assi hera e co as frutas, etudo omais.» João Nogueira de Barros, c.1693-92 em Manuel Caetano de Sousa, op. cit. [1720-1734], fl.49v.

Frei Luís de Sousa(1619) a propósito de Frei Bartolomeu dos Mártires refere: «As quartas e sextas-feiras comia com os seus capelães em refeitório ou tinela, como agora chamam com nome italiano.» Frei Luís de Sousa. A Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda e Movimento Bartolomeano, 1984. p. 63.



Fig. 9 – Tapeçarias no interior do paço.
“O templo de Latona” (c.1520-28) e “Édipo em Tebas” (c.1525-1530) na Sala do Dossel.
Emílio Biel e Companhia c.1910. *Arquivo Municipal do Porto*

A análise de um conjunto de fotografias⁷⁰, do início e meados do século XX, permite equacionar algumas hipóteses quanto à antiguidade da construção do paço e da sua transformação. (fig. 10)



Fig. 10 – O pátio do paço: evolução e transformação.
esq. - fotografia José Júlio Rodrigues, c.1908. *Museu de Lamego*.
dir. - fotografia Alvão, c.1940. *Centro Português de Fotografia*.

⁷⁰ Fotografias existentes no Arquivo do Museu de Lamego e no Arquivo do Forte de Sacavém (SIPA) da Direção-Geral do Património Cultural.

Atente-se ao vão central da ala nascente do pátio, outrora uma sacada em granito com grade em ferro fundido hoje uma janela de peitoril encimada por óculo, à imagem das outras janelas do pátio de gosto barroco. Vejam-se, no registo fotográfico mais antigo, o perfil papo de rola da sacada original (que bem poderá recordar o da tribuna da capela de São Nicolau), a relação de medida ombreira-padieira (a última duas vezes a largura da primeira), e o remate do lintel de gosto clássico. Consideremos a posição e dimensão do vão central na parede caiada, a relação cheio-vazio, e a 'testa alta' rematada pelo triplo do beirado de telha cerâmica. São elementos indicadores da possível existência de tetos altos, em masseira, no interior. O contraste de linguagem dos alçados dos corpos nascente e sul é notório. (fig. 11) Ainda que a documentação, dos séculos XVII e XVIII aluda a reformas *a fundamentis* parece-nos admissível considerar que, no início do século XX, ainda subsistissem testemunhos da intervenção quinhentista na ala do grande salão antigo, que seria profundamente intervencionado, primeiramente "sob o impulso e esclarecido bom gosto do (...) venerando Prelado da Diocese Ex.^{mo} Ver.^{mo} Sr. D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, (...) modificando parcelas defeituosas da reedificação antiga do paço, modificando logicamente o plano"⁷¹ e mais tarde pela DGEMN, já em meados do século passado.



Fig. 11 – O pátio do paço: encontro das alas nascente e sul.
Fotografia José Júlio Rodrigues, c.1908. *Museu de Lamego*

⁷¹ José Julio Rodrigues. *O Paço Episcopal de Lamego* – Separata do Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official. Porto: Typ. A Vap. da Empresa Litteraria e Typographica, 1908, p. 9-10.

UMA PORTA EM ARCO APONTADO

Com a adaptação a Museu de Lamego, o antigo paço episcopal iria receber objetos arquiteturais e fragmentos escultóricos do espaço público urbano da cidade, e bem assim partes de arquitetura provenientes de capelas do claustro do extinto convento de Santa Clara, para salvaguardar um espólio precioso de pintura, imagens e talha barroca, aquando da sua demolição. O Paço Episcopal representativo

(...) [d]Esse periodo nullo da nossa architectura em que (...) [se] atulhou a capital e o paiz de construcções que para nosso desespero, são, na solidez das suas massas de granito, inammoviveis e immodificaveis. O Paço de Lamego é legitimo parelho architectural de todos esses quadrangulos inexpressivos. – Deus louvado porém, em que o conteúdo não afina n’este caso pelo continente. Há n’esta velha casa riquezas de Arte suficientes para constituir um bello museu e até uma Escola de Arte pura e decorativa.⁷²

Entre as peças recolhidas conta-se uma composição de arco apontado, organizada sob a forma de uma porta. A sua origem é retraçada a uma casa de fachada em pedra de canto (fig. 12), na rua Nova, junto à Igreja de Santa Maria de Almacave. Uma memória local associava a presença de D. Afonso Henriques nessa morada, em relação com a tradição persistente de primeiras Cortes do reino reunidas em Lamego, conforme registou Manuel Pinheiro Chagas em *História de Portugal popular e ilustrada* (1899).⁷³ Aí começava a rua principal da Judiaria da Pedra formada num dos arrabaldes do Castelo, em meados de Trezentos.⁷⁴ No antigo paço episcopal, a portada seria exposta junto à fachada da ala nascente. (fig. 10)



Fig. 12 – Porta de arco apontado: da rua Nova ao pátio do paço.
esq. – desenho de Roque Gameiro, 1890.
dir. – fotografia de Jaime Silva, 2018.

⁷² Rodrigues, José Julio. O Paço Episcopal de Lamego – Separata do Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official. Porto: Typ. A Vap. da Empresa Litteraria e Typographica, 1908, p.9.

⁷³ Manuel Pinheiro Chagas. *História de Portugal, popular e ilustrada*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1899, vol. I, p.237.

⁷⁴ Na Judiaria habitavam numerosos profissionais de officios e artes; em 1482, morava o fisico-mor da cidade, mestre e fisico do Duque de Bragança; mais tarde, ali permaneceriam os cristãos-novos.

Numa análise do elemento arquitetónico ressalta a impressão de que parece agregar peças de diferente proveniência. Apresentava-se como porta de varanda de sacada, rematada em arco apontado, de modenatura tardo-gótica, enquadrada por uma volta ornamentada de figuras vegetais. O tímpano decorado mostra o arranque de um arco lobulado mais pequeno, que parecia indiciar uma possível divisão tripartida mainelada da abertura. Porém o vão é intersectado por uma padieira de aresta viva com um subtil apontamento linear tardo-gótico, manuelino. Os pés direitos rematariam de modo incerto no encontro com a laje da varanda. A composição geral é enquadrada lateralmente por esculturas de animais, uns leões afrontados. Estranha e incoerente compilação de peças díspares, talvez nela se cruze uma outra história que devêssemos ouvir nas palavras de Rui Fernandes.

Este castello tem hua muy forte torre de menagem; no meyo desta torre está hua muy fermosa janella d'assento que o Conde de Marialva mandou fazer; e vindo El Rey Dom João que Deos tem, a esta cidade o conde lhe perguntou que parecia a Sua Alteza daquela janella. El Rey lhe respondeu que mais soubera quem a abriera que quem 'na mandara abrir.⁷⁵

No meio da face da torre que preside eminente sobre a cidade do Concelho e a cidade episcopal (fig. 13), e é avistada de longe, no enfiamento do longo arruamento que dava entrada no couto da Sé, a formosa janela seria presença manifesta de poder. Incisiva e cortante a observação de D. João, no reparo que fizera ao Conde de Marialva, alcaide-mor,⁷⁶ tendo em conta o diálogo de formas de arquitetura no espaço urbano.



Fig. 13 – Torre de menagem e Rossio da Sé.
Fotografia Manuel Pinheiro da Rocha, c.1930-1950. *Centro Português de Fotografia*.

⁷⁵ Fernandes, *op. cit.*, 2012, p. 103.

⁷⁶ «(...) porque não deixaua passar cousa malfeita sem reprensam ou castigo (uma observação sobre o rei a propósito de um outro caso - "Do que el Rey disse a Fernam Serram"). Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1991), p. 129.

D. João II teria estado em Lamego, no outono de 1483,⁷⁷ acompanhado da rainha e do pequeno príncipe, e «foram em romaria a São Domingos de queimada, que está junto de Lamego, com grande deuaçam pedirlhe, que (...) Deos lhe desse filhos dantrambos, que el Rey muyto desejava».⁷⁸ Sinal do pedido real, a D. João II são atribuídas obras de reedificação da capela que ainda hoje são identificáveis, principalmente o arco triunfal e o portal, com uma decoração singular de flores estilizadas a emoldurar o arco. Não será possível não reconhecer afinidade no desenho do ornamento dessa outra porta [-formosa janela (?)] migrante.

Rui Fernandes escrevia ainda antes da extinção da Casa de Marialva, que sobreviria logo em 1534. A alcaidaria reverteria para o domínio da Coroa, passando a ser governada por oficiais mecânicos, os Mestres da Casa dos Vinte e Quatro.⁷⁹ A formosa janela que Rui Fernandes inequivocamente vira no «meio da torre» de menagem, se não se perdeu com a degradação e a ruína do Castelo,⁸⁰ teria sido tomada, um dia, por alguém que a desejara e lhe daria guarda e valor.

A portada encontra-se atualmente na fachada sul do pátio, a parte mais antiga do paço. (fig.12) Integrada, nessa ala, a peça ganharia uma nova vida, como se apresentasse uma sugestão evocadora de alguma obra efetuada por um dos bispos de finais do século XV ou talvez D. João de Madureira (1502-1513), prelado cortesão que cumpriria em Lamego, para onde seria nomeado, o que prometera no leito de morte de D. João II – regenerar a sua vida, como o fez; com fino e culto gosto se dedicaria a beneficiar a igreja maior da diocese, abrindo caminho a D. Fernando de Meneses.

Deve-se aos Monumentos Nacionais a recomposição do desenho dos alçados do pátio, efetuada no âmbito da campanha de adaptação a Museu. Com essa intervenção se executava, com aproximação, o projeto inacabado setecentista, de D. Manuel de Vasconcelos Pereira.⁸¹ Todo o pátio do antigo paço aparecia envolvido numa imagem coerente, obliterando a leitura da diferença entre as alas, que resultara de um esforço de construção levado, de mão em mão, no tempo de sucessivos governos episcopais. D. Fernando de Meneses procedera ao lançamento da ala nascente, com o grande salão e a varanda, a par de melhoramentos em áreas de serviços, no paço medieval, que se situaria na área da ala sul, onde ainda conservaria os seus aposentos. No governo de D. Luís de Sousa terá sido acrescentada a ala norte,⁸²

⁷⁷ A entrada em Lamego teria ocorrido antes de 28 de outubro de 1483, D. João II demorar-se-ia na cidade pelo menos até 4 de novembro; depois seguiria só, a correr montes e prover alguns «reparos» em castelos de Trás-os-Montes e Entre Douro e Minho. *Ibidem*, p. 73-74.

⁷⁸ *Ibidem*. A Capela de São Domingos de Queimada coroa o monte mais alto da região de Lamego. Era um antiquíssimo culto de impetração de fertilidade. Para a relação entre o alto de São Domingos e a cidade: Marta M. Peters Arriscado de Oliveira; João Luís Marques, "Lamego, memória(s) da cidade", *Monumentos Património Arquitetónico* 38 (Direção-Geral do Património Cultural (abril 2020/2021), p. 6-25) p. 20. Vergílio Correia, "A capela de S. Domingos de Fontelo", *Monumentos e Esculturas (seculos XIII-XVI)* (Lisboa: Libanio da Silva, 1919), p. 131-134.

⁷⁹ Maria João Queirós Roseira, *Lamego. Um passado presente* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1981), p. 34.

⁸⁰ De facto, o aparelho da torre de menagem não denota significativas obras de reedificação, o que levaria supor que a retirada da janela teria sido efetuada com arte de ofício. A degradação do castelo ter-se-á agravado com o tempo e a transformação de uma edificação quinhentista, adossada aos muros da alcáçova, em prisão concelhia. O desconhecimento do real interesse dessa construção original levaria à sua demolição no decurso das obras de restauro do Castelo, pelos Monumentos Nacionais, em 1951.

⁸¹ «(...) e na mesma quadra [norte], como também do frontespício estão abertas sinco janelas também depeito, que fazem frente aopateo do mesmo Pallacio; e outro igual numaro tem a outra quadra, que se anda finalizando dabanda do Sul, e outras tantas se ham de abrir na quadra que fica para abanda do Nascente. DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, op. cit. "Descrição dos Paços Episcopais", 1777, fl. 19.

⁸² Uma dúvida subsiste na leitura dos documentos com referência à edificação das alas nascente e norte: seriam construções de raiz, ou reconstruções de estruturas preexistentes, situação que apenas trabalhos de arqueologia poderiam esclarecer. Parece-nos que seria de considerar a possibilidade de ter existido um recinto murado associado ao paço medieval, com dependências de apoio e serviços adossadas, pelo interior, à cerca de vedação, sendo de admitir que dessas estruturas, apenas o muro de cerca poderia eventualmente ter

redistribuindo funções públicas de representação, e privadas de aposentamento. D. Manuel de Vasconcelos fecharia a quadra, edificando a ala poente, e reformaria a compartimentação interior do paço, iniciando a recomposição dos alçados do pátio, a norte e sul, e prevendo, na continuidade o acerto do alçado nascente do mesmo recinto, que fechara com a ala poente.

Na amplitude do terraço e na determinação do alinhamento da cerca e o rossio e terreiro da Sé, delimitadas no primeiro quartel do século XVI, e bem assim na implantação relativa da primeira expansão do paço medieval, a ala nascente, considerando o seu distanciamento ao limite entre espaço privado e público, se lê a antevisão de D. Fernando de Meneses e o legado que deixara aos seus sucessores. A velha estrutura medieval haveria de ser renovada e integrada na continuidade de nova edificação, que enquadraria, em simetria, o pátio de recebimento – a casa do Bispo, imagem de apresentação da Igreja, decoro ornamento da cidade. (fig. 14)



Fig. 14 – Férmozo jardim, grande terreiro e cerco de muro do paço episcopal.
Postal ilustrado, início do séc.XX. *Coleção particular.*

FONTES MANUSCRITAS

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) P. Manuel Caetano de Sousa. “Brevissimo Compendio da Vida, Acções, e morte Do Illustrissimo e R[everendissimo] S[e]nh[o]r D[om] Luiz de Sousa, Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas” [1720-1734]. Cod. 419.

Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Biblioteca (DGLAB) Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, t.19, liv. 1.

DGLAB, ANTT, Cabido da Sé de Lamego, *Livro de escrituras de compras, vendas, escambos e contratos pertencentes à Sé e a particulares*, liv. 9.

sido aproveitado no assentamento das novas edificações. O piso térreo da ala norte integra uma estrutura murária que se distingue por uma maior espessura.

DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, rendas, Foros, Dízimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego (...) 1776-1777*, liv.6.

DGLAB, Arquivo Corrente do Ministério das Finanças (ACMF), “Cedência do Paço Episcopal de Lamego” 1916-1932.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, José Ferrão. “Arnelas: Uma villa contra a cidade?” *Congresso Internacional de Vinho Verde 1 Maia, Penafiel, Baião - Actas do I Congresso Internacional de vinho verde: história, economia, sociedade e património*. Porto: APHVIN/GEHVID, 2010, p. 263-275.

ALBERTI, Leon Battista. *Da arte edificatória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2011.

ALBERTI, Leon Battista. *I libri della famiglia*. <http://www.intratext.com/IXT/ITA0733/> https://it.wikisource.org/wiki/I_libri_della_famiglia

ALBERTI, Leon Battista. *Profugiorum ab aerumna libri III (Della tranquillità dell’animo)*. <http://www.intratext.com/IXT/ITA0861/> <http://www.ousia.it/content/sezioni/testi/AlbertiProfugiorum.pdf>.

Architecture et vie sociale: l’organisation intérieure des grandes demeures à la fin du Moyen Âge et à la Renaissance: actes du colloque. Paris: Picard, 1994.

As freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património. coord. José Viriato Capela. Braga: 2010.

Bispos e Arcebispos de Lisboa, dir. João Luís Inglês Fontes. Lisboa: Livros Horizonte, 2018, p. 575-584.

CHAGAS, Manuel Pinheiro. *História de Portugal, popular e ilustrada*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1899, vol. I, p.237.

CORREIA, Vergílio. *Artistas de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923.

CORREIA, Vergílio. *Vasco Fernandes: Mestre do retábulo da Sé de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.

CORREIA, Vergílio. *Monumentos e Esculturas (seculos XIII-XVI)*. Lisboa: Libanio da Silva, 1919.

COSTA, M. Gonçalves da. *História do bispado e cidade de Lamego*. 6 vol. Lamego: [Officinas Gráficas de Barbosa & Xavier], 1977-1986; 1977, vol. I: Idade Média: a mitra e o município; 1979, vol. II: Idade Média: paróquias e conventos; 1982, vol. III: Renascimento I; 1984, vol. IV: Renascimento II; 1986, vol. V: Barroco I.

DUARTE, Rei de Portugal. *Livro dos conselhos de el-rei D. Duarte: Livro da Cartuxa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

Espaço, Poder e Memória: A Catedral de Lamego, sécs. XII a XX. Anísio Miguel de Sousa Saraiva coord. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2013.

ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico VII: Concelho de Évora*, 2 vol. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966.

FERNANDES, Rui. *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*. Porto: Beira Douro. Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro, 2012.

FREITAS, Bernardino José de Senas. *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica, 1890.

GIORGIO Martini, Francesco di. *Trattati di architettura ingegneria e arte militare*, 2 vol. Milano: Il Polifilo, 1967.

GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de corte y alabanza de aldeã; Arte de marear*. Madrid: Catedra, 1984.

- HARRIES, Karsten. *The Ethical Function of Architecture*. 3th ed. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.
- Lamego, a Diocese em três histórias 1596-1789-1878. coord. Joaquim Correia Duarte. Lamego: Diocese de Lamego, 2016.
- MACHADO, Diogo Barbosa Machado. *Bibliotheca Lusitana: historica, critica e cronológica* [1747], 4 vol. Lisboa: Antonio Isidoro da Fonseca, 1965-1967.
- MARQUES, Cátia Teles e. *Os paços episcopais e os modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal*. A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia dos Interiores. coord. Isabel Mendonça, Hélder Carita, Marize Malta. Lisboa – Rio de Janeiro: 2014.
- MIRANDA, Francisco Sá de. *Poesias: de Francisco de Sá de Miranda*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1989.
- Monumentos Património Arquitectónico* 38. Direção-Geral do Património Cultural (abril 2020/2021), p. 82-95.
- PAIVA, José Pedro. *Os Bispos de Portugal e do Império: 1495-1777*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- Palácio Poli: residência de um embaixador de Portugal na Roma barroca em *Ciências e Técnicas do Património - Revista da Faculdade de Letras*, I Série vol. IV Porto: 2005, p. 155-168.
- PORTUGAL. Instituto de Investigação Científica Tropical. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. *As gavetas da Torre do Tombo*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 1960-1977, 12 vol.
- REBELO, Diogo Lopes. *Do governo da República pelo rei; Tratado das produções das pessoas [Divinas]*. Lisboa: Edições da Távola Redonda, 2000.
- Remodelação do Salão Nobre do Museu de Lamego*, coord. Luís Sebastian. Lamego: Museu de Lamego, Direção Regional de Cultura do Norte, 2018.
- RESENDE, Garcia de. *Crónica de D. João II e Miscelânea*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1991.
- RODRIGUES, José Julio. *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: Typ. A Vap. da Empresa Litteraria e Typographica. Separata do Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official, 1908.
- ROSEIRA, Maria João Queirós. *Lamego. Um passado presente*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1981.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa. *A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas : o caso da Catedral de Lamego*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras, 2003. Separata de Revista Portuguesa de História, t. XXXVI, vol. I, 2002-2003.
- SOUSA, Frei Luís de. *A Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda e Movimento Bartolomeano, 1984.
- Tapeçarias Flamengas do Museu de Lamego*. Lamego: Instituto Português de Museus, 2005, p. 150-171.
- Um rico pano: antologia de verso, prosa e imagem de Lamego*. org. Nuno Resende. Lamego: Museu de Lamego, Direção Regional de Cultura do Norte, 2018.
- VITERBO, Sousa. *Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e construtores portugueses* [1899], 3 vol. Ed. fac-simil. [Lisboa]: I.N.C.M., imp. 1988.

AGRADECIMENTOS

Museu de Lamego, Diocese de Lamego, Centro Português de Fotografia, Forte de Sacavém.